Diálogos México-Brasil

Virginia García Acosta
CIESAS

Luís Roberto Cardoso de Oliveira
UnB

Brasil e México são dois países que têm uma longa tradição em pesquisa e ensino em ciências sociais, naturais e exatas, as quais têm acompanhado o crescimento destes países através da sua história, permitindo-lhes enfrentar muitos dos desafios que têm se lhes apresentado. O desenvolvimento científico de Brasil e México ocupa uma crescente posição de liderança na América Latina e recebe, cada vez mais, um maior reconhecimento em outras latitudes.

As realidades brasileira e mexicana são divergentes em muito aspectos, mas partilham problemáticas sociais e culturais comuns de grande envergadura que devem ser abordadas para gerar um novo conhecimento que permita estudá-las a partir de diversas perspectivas. Por exemplo, a desigualdade e a pobreza como um dos problemas mais dilacerantes nos dois países.

México e Brasil partilham não só história e problemas similares, mas uma intensa relação de cooperação de longa duração. Promover e reativar os laços entre instituições e coletivos de ambos países é relevante, em particular, no âmbito da antropologia social.

Estes países, em comparação com o restante da América Latina, possuem a maior quantidade de profissionais em exercício, de número de instituições de ensino e pesquisa, de recursos para investimento e financiamento de trabalhos de pesquisa e difusão, assim como também a amplitude temática, de aproximações metodológicas e de subdisciplinas trabalhadas sistematicamente. Na atualidade, os dois países são os destinos preferenciais para a realização de estudos de pós-graduação dos antropólogos da região andina.

Os antropólogos brasileiros e mexicanos têm tido algumas oportunidades para interagir individualmente em eventos ou conferências, por exemplo, nos congressos recentes organizados pela Asociación Latinoamericana de Antropología (ALAS), na Reunião de Antropólogos do Mercosul (RAM), no 54º Congresso Internacional de Americanistas (México D.F.), nas Reuniões

da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e nos congressos do Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales de México (CEAS). Nos eventos citados, pesquisadores de ambos países têm coincidido em identificar a urgência de começar um relacionamento de maior fôlego que gere oportunidades bilaterais, considerando tanto as agendas profissionais e institucionais quanto os intercâmbios sobre os avanços dos projetos de pesquisa, as experiências em andamento e a circulação de publicações.

Ao longo do último meio século, tem-se desenvolvido um relacionamento forte entre as antropologias e entre antropólogos brasileiros e mexicanos. Na década de 1970, quando foi fundado o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Guillermo Bonfil e Roberto Cardoso de Oliveira estreitaram a relação iniciada nos anos de 1960, impulsionando o intercâmbio de professores e estudantes. Dessa forma, nas duas décadas seguintes, vários pesquisadores do CIESAS visitaram o Brasil e vários brasileiros se formaram no México.

Nos últimos anos, o CIESAS tem procurado retomar e fortalecer a relação entre estes dois países latino-americanos, nos quais a antropologia tem sido, e continua sendo, um referente fundamental. Nesse sentido, várias iniciativas já se desenvolveram:

a) o lançamento da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira (CRCO) CIESAS-Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), nesta última, em 2007;

b) a publicação dos livros *Etnicidad y estrutura social* de Roberto Cardoso de Oliveira (2007), e *Antropologías del mundo* de Gustavo Lins Ribeiro (2009), dentro da série *Clásicos y contemporáneos de la Antropología*;

c) o acordo pela CRCO entre a Unicamp e o CIESAS em 2010;

d) a realização do I Colóquio Acadêmico nessa cátedra, organizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e o CIESAS, efetuado em Campinas em 2010;

e) a publicação do número 33 de *Desacatos. Revista de Antropología Social*, a revista do CIESAS, correspondente a maio-agosto de 2010 e intitulado *Antropología e Indigenismos. Reflexiones desde Brasil*.;

f) os intercâmbios entre pesquisadores e estudantes de ambos os países.

É importante mencionar que nem todas as práticas internacionais de cooperação passam pelo âmbito institucional. Em muitos casos, acordos, convênios e iniciativas de cooperação conjunta provêm da prática individual dos pesquisadores,

e inclusive de estudantes. As instituições têm a responsabilidade de motivá-los e apoiá-los, pois são eles que desenvolvem o tecido fino dos acordos.

A histórica e frutífera colaboração científica entre México e Brasil é muito valiosa. O seu fortalecimento, como instrumento para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social de ambos os países, é primordial.

Estas inquietações mostraram a urgência de um grande encontro presencial entre ambas antropologias, portanto, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília e o CIESAS acordaram realizar o I Encontro de Antropólogos Brasileiros e Mexicanos. Este efetuou-se em setembro de 2011, nas imediações da emblemática Casa Chata do CIESAS, sede da instituição desde sua fundação em 1973.

O evento foi organizado para honrar a memória do mexicano que, junto com Roberto Cardoso de Oliveira, impulsionou esta relação: Guillermo Bonfil Batalla. Era obrigatório fazê-lo em 2011, ano da comemoração dos 20 anos da sua morte, e ano em que iniciamos a organização do seu arquivo, doado ao CIESAS por Cristina Sánchez de Bonfil. Uma pequena amostra do conteúdo do seu arquivo se apresentou, precisamente, no I Encontro com o título de *E desde aqui, que não é lá. Como se vê o mundo*?, inspirado nas palavras de Guillermo Bonfil retiradas de suas *Obras Escogidas*. Com esta exposição, inaugurou-se o Arquivo Histórico do CIESAS.

Juntamente com Gustavo Lins Ribeiro (UnB) e Diego Iturralde (CIESAS), partilhamos a ideia inicial de organizar este I Encontro, o qual contou, para sua realização, com o apoio fundamental do Conacyt, da Embaixada do Brasil no México e da Secretaria de Educação da Cidade do México.

O Encontro teve dois Presidentes de Honra: Roque de Barros Laraia, da Universidade de Brasília, e Jorge Alonso Sánchez, do CIESAS sede Ocidente. O intercâmbio de temas, as discussões e os debates se efetuaram em seis painéis e onze grupos de trabalho organizados em eixos temáticos acordados conjuntamente e com participação de brasileiros e mexicanos. Os debatedores e os moderadores foram todos pesquisadores mexicanos, e as relatorias estiveram a cargo de doutorandos em Antropologia.

Todos os participantes vieram de universidades brasileiras com prestígio acadêmico como as Universidades de Brasília, Federal do Rio de Janeiro, Federal Fluminense, Campinas, Federal do Rio Grande do Sul, Federal de Santa Catarina, Federal do Ceará, Federal de Minas Gerais, Federal de Bahia e Federal de Pernambuco. E de instituições mexicanas como as Universidades Autônoma de Yucatán, Autônoma Metropolitana-Iztapalapa, Benemérita de Puebla, de Ciências e Artes de Chiapas, Jesuíta de Guadalajara (ITESO), Iberoamericana,

Nacional Autônoma de México, Pedagógica Nacional, o Instituto e a Escola Nacional de Antropologia e História, o Grupo Interdisciplinar sobre mulher, trabalho e pobreza, A.C. e de Centros do Sistema Conacyt: os Colégios da Fronteira Norte, de Michoacán, de San Luis e o próprio CIESAS.

As conferências magistrais, que honraram o número 39 de *Desacatos* e este número do *Anuário Antropológico*, deram voz a duas mulheres emblemáticas destas duas antropologias: Mercedes Olivera, da Universidade de Ciências e Artes de Chiapas, e Alcida Rita Ramos, da Universidade de Brasília.

Ambas intervenções marcaram significativamente o evento, tanto pela qualidade quanto pela profundidade das suas apresentações. As duas retomaram, com ênfases e estilos diferentes, a relação caraterística, nas nossas antropologias, entre a reflexão acadêmica e o compromisso com o destino das populações estudadas. Alcida Ramos apresentou aos participantes uma proposta inovadora: uma ampliação na interpretação do campo do indigenismo, mantendo, contudo, a tradição de considerá-lo um universo que abarca tanto a compreensão quanto a ação política. Por sua parte, Mercedes Olivera apresentou um diálogo poético e analítico, em forma de carta, dirigido a Guillermo Bonfil, o homenageado. Ela fez isso a partir de um reiterado "se lembra, Guillermo?", enfatizando a reflexão e a ação indigenista ao longo da trajetória de ambos, como parte de um discurso carregado de emoção que fez vibrar os presentes.

Da mesma maneira que durante a aproximação das nossas antropologias, nos anos 1970, quando os debates sobre o indigenismo praticado nos dois países motivaram reflexões originais e intercâmbios de perspectivas que trouxeram como resultado contribuições muito significativas ao campo, nossa expectativa é de que o diálogo retomado nesse Encontro tenha um impacto similar para o desenvolvimento da disciplina, tendo como horizonte, agora, um universo mais amplo e diversificado de temas. Este é o marco no qual se desenvolverão, a curto prazo, as seguintes ações: o II Encontro entre Antropólogos Brasileiros e Mexicanos, o II Colóquio da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, e a série de traduções da Coleção México-Brasil que será apoiada pela Embaixada do Brasil no México. Destes frutíferos diálogos sul-sul terá de se nutrir a produção gerada ao norte do planeta.

Tradução: Luis Cayón